

JUVENTUDE E CIBERCULTURA: CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS NA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS

Autora: Poliana Dias de Oliveira - Discente do curso de Psicologia –
Formação do psicólogo da Universidade de Pernambuco – UPE

Co-autora: Prof.^a Mestre Lindair Ferreira de Araújo – Docente no curso de Psicologia -
Formação do psicólogo da Universidade de Pernambuco – UPE

Co-autora: Paula Rafaela Muniz Figueiredo- Discente do curso de Psicologia –
Formação do psicólogo da Universidade de Pernambuco – UPE

Co-autora: Vanessa Alves

Co-autora: Wilma Ferreira de Araújo- Discente do curso de Psicologia –
Formação do psicólogo da Universidade de Pernambuco – UPE

1. Introdução

Na sociedade contemporânea o homem encontra-se defronte de novos modos de relacionar-se com o meio social. As configurações sociais e digitais associadas à desestabilidade que emergem dos múltiplos apelos midiáticos na produção de referências identitárias, resultam por uma incapacidade de regeneração subjetiva, caso não se consiga produzir o perfil idealizado. Não tendo mais como decorrência a loucura, que até o século XX era o efeito da não adaptação das exigências sociais, mas uma estereotipada procura por uma vida que se encaixe nos moldes exigidos¹. Assim este trabalho tem como foco a análise sobre a concepção da exposição experienciada nas redes sociais pela juventude do agreste meridional de Pernambuco e ainda compreender como esse desvelamento de si implica em um autoconhecimento e construção subjetiva visto que, as redes sociais digitais estão em ascensão e isso reflete na diretamente na construção da subjetividade.

Para Max Weber a ciência com o apogeu tecnológico foi o instrumento responsável por uma alienação e desencantamento do mundo² como um lugar não mais de bases sólidas onde o ser subjetivo poderia sustentar-se, mas antes um local onde a desestabilidade das relações, projetos e da própria ciência são marcas desta época. Nos jovens, isso é refletido de maneira acentuada e pontual, onde se vê a grande quantidade de ídolos *teen* que surgem indiscriminadamente, propondo por seus comportamentos um perfil subjetivo ideal. De tal modo que “[...] hoje há ídolos que são a ‘personalidade’ e a ‘experiência pessoal [...]’” e sobre

¹ ROLNIK, S. **Toxicômanos de Identidade** - subjetividade em tempo de globalização, in LINS, D. (org.). *Cultura e Subjetividade - saberes nômades*. São Paulo: Papirus, 1997.

² WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo, Cultrix, 1972

os quais “devemos hoje ter ‘experiência’ da vida e, se não a temos, devemos fingir que a temos [...]”³.

Nas redes sociais, esse desejo de assimilar as subjetividades prontas, é expresso pela forma como o jovem utiliza a rede. Este publica em sites de relacionamentos suas vivências diárias, gostos e preferências, do qual utiliza ainda para a criação e manutenção de redes sociais virtuais, uma vez que a ideia principal dessas comunidades virtuais é agregar pessoas e possibilitar a troca de informações em comum entre seus membros.

Observa-se que ao mesmo tempo em que estas são instituídas, também estão vulneráveis as destemperes e más interpretações que o espaço virtual proporciona, pois como Lévy aponta para o meio virtual: “[...] O sentido emerge e se constrói no contexto, é sempre local, datado, transitório. A cada instante, um novo comentário, uma nova interpretação, um novo desenvolvimento podem modificar o sentido que havíamos dado a uma proposição...”⁴. Onde revela outro ponto importante quanto à constituição e uso dessas redes: sua efemeridade. Nela tudo se constrói e desfaz com mesma velocidade e liquefez da qual aponta Bauman, onde os rituais públicos de exposição dos “eus íntimos” são colocados pela mídia como “identidades inteiramente pessoais”⁵, mas que expressam apenas os apelos midiáticos dessa era. Dessa feita, este jovem contemporâneo tem em suas mãos a responsabilidade de alavancar e extinguir em um “*post*” (pequenos textos que podem publicados nas redes sociais) os ídolos virtuais que surgem.

Destarte, este trabalho tem como objetivo a discussão da construção subjetiva dos jovens pernambucanos em uma sociedade virtualizada, onde a partir do método qualitativo, utilizou-se do levantamento bibliográfico sobre o tema a fim de elucidar conceitos como: Juventude, Cibercultura, Subjetividade, Neopragmatismo da qual foi utilizada a compreensão de homem. O indivíduo psicanalítico não deve mais se manter na perspectiva de estabilizar e satisfazer as tensões de um Inconsciente que apresenta a finalidade de satisfazer seu bel-prazer, mas de reconhecer que na ordem do caos habita um “constante devir”, que necessita do acolhimento dessa sedimentação da estrutura subjetiva e de seu caráter múltiplo de possibilidades.⁶ Também foi realizada a aplicação de questionários com o objetivo de inquirir sobre como o jovem discorre a exposição de si nas redes sociais.

³ Ibid., p. 163.

⁴ LÉVY, 1956

⁵ Bauman, 2001

⁶ RONILK, 1997

2. Desenvolvimento

2.1 Cibercultura e virtualidade: Conceitos

A discussão sobre o que é virtual ou real é tomada desde os antigos. O uso da palavra virtual como sinônimo de realidade ilusória é comum por está sempre associada às redes digitais estabelecidas pela *internet*: “[...] o senso comum faz do virtual, inapreensível, o complementar do real, tangível. [...] o virtual, com muita frequência, ‘não está presente’”⁷. O espaço virtual da qual o homem pós-moderno faz uso constituiu-se a partir de uma nova relação ao modo de utilizar o tempo e espaço. Nesta feita, a tecnologia digital é o ponto inicial para se comunicar sobre o surgimento do ciberespaço como *ethos* da virtualidade.

A tecnologia é algo presente no imaginário social e que no século XX recebe os moldes da ubiqüidade na sociedade moderna⁸. Lévy faz uma crítica ao colocarem o advento e autenticação da tecnologia como um impacto causado sobre a sociedade, trazendo a reflexão desta como uma emergência da evolução do próprio homem⁹. Hoje, na vida cotidiana pós-moderna, os recursos oferecidos pelas tecnologias digitais se revelam indispensável em quase todos os âmbitos, sendo utilizados pelas diversas classes sociais, como no trabalho e lazer. A febre digital associada à facilidade de adquirir produtos com tecnologia de ponta chega a refletir em novas patologias associadas ao uso compulsivo do computador e celular. A utilização da *Internet* em qualquer hora e local ultrapassa barreiras sociais, econômicas e geográficas, gerando um novo espaço antropológico como aponta Lídia Silva¹⁰:

A *Internet* é simultaneamente o real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (*site*) e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que estamos habituados, em que são construções sociais partilhadas. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos que tipificam este novo espaço antropológico.

O mundo virtual disposto pela *internet* passa a ser um ciberespaço de interação entre usuários em comum, tornando-se um ambiente comunicacional que possibilita a troca de informações em uma nova organização sócio-técnica. As comunidades virtuais que daí resulta são embasadas no compartilhamento e convergência da pluralidade dos conhecimentos dos

⁷ Lévy 1996, pag. 19

⁸ Lemos, 2002

⁹ Lévy, Cibercultura, 1999. pag

¹⁰ em Lemos 2001, pag. 151

sujeitos¹¹. Para Pierre Lévy o ciberespaço é o representante do último grande surgimento de “objetos indutores da inteligência coletiva. [...] Trata-se de um objeto comum, dinâmico, construído, ou pelo menos alimentado por todos os que o utilizam.”¹² Assim, “O ciberespaço oferece objetos que rolam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes.”¹³

A virtualização surge então como efeito progressivo que a *internet* enquanto lugar virtual possibilitou, dissipando as distâncias sociais, físicas e econômicas dos sujeitos dispostos nessa realidade simbólica, que se mostra como um novo espaço público representativo de identidades subjetivas que lhe dão voz e vida. É um território organizado, coabitado pela diversidade e pelo que Lévy chama de Efeito Moebius: a “passagem do exterior para o interior e do exterior para o interior, os das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo [...]”¹⁴ em influências operantes e sucessivas de uma cibercultura. A virtualização é vivenciada como “inumana, desumanizante, como a mais aterradora das alteridades em curso.”¹⁵ Mas para Lévy:

[...] a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade. Longe de circunscrever o reino da mentira, o virtual é precisamente o modo de existência de que surgem tanto a verdade como a mentira.¹⁶

Nesse contexto, o indivíduo virtual torna-se parte integrante de um imenso hiperorganismo híbrido e mundializado¹⁷, que a partir da simbiose entre o social e o tecnológico apresentam uma estética e modo de funcionar próprios apontados por Lévy como o ambiente propício da inteligência coletiva, não diferindo do campo social dito real, apresentando, porém, distintas formas de

- de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela),
- de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais),
[...] – e mesmo de *bobagem coletiva* (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, ‘televisão interativa’).¹⁸

¹¹ Ibid. pag. 152

¹² Lévy 1996, pag. 128

¹³ Ibid, pag. 129

¹⁴ Ibid, pag. 24

¹⁵ Ibid

¹⁶ Pesquisar na net!

¹⁷ Ibid, pag 31

¹⁸ Lévy, Cibercultura, 1999. Pag 30

Preciso fechar/concluir isso

2.2 Juventude e virtualidade

2.3 Novos modos de subjetivação

Suely Ronilk¹⁹ traz em sua fala discussões sobre o que se configuram na contemporaneidade como problemáticas resultantes das constantes transformações vivenciadas pelas subjetividades. Essas transformações são amplamente exploradas pelas mídias e pela ciência, conhecidas usualmente por caos contemporâneo. O medo de não conseguir se configurar dentro dos padrões exigidos acaba por transformar o indivíduo em um ser mecanizado, alienado de sua vivência interior, onde a qualquer sinal de desestabilização, o organismo aciona mecanismos a fim de o protegerem e que por meio da imobilidade do corpo, onde tem a tentativa de minimizar a queda precipitada no vazio e no caos.

Como bem aponta Peruzzo: “A subjetividade contemporânea é polifônica e está sendo constituída na convivência com determinadas **condições e possibilidades** de uma heterogeneidade de discursos institucionais: a família, a escola, a mídia (em suas diferentes formas - revistas, jornais, TVs, internet) – que são dispositivos de “produção” e de “modelação” da subjetividade na atualidade.”²⁰

Falta terminar.

3. Metodologia

Para este trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica sobre o tema. Ainda, foi realizada uma pesquisa qualitativa com 19 jovens entre 18 e 28 anos, que acessam regularmente as redes sociais, em cidades do agreste meridional de Pernambuco (Garanhuns, Lajedo e Iati). A escolha dos jovens se deu segundo o procedimento da amostragem intencional, elaborado por Thiollent (2000), em que sujeitos são escolhidos por se revelarem com maiores chances de abordar o tema que se quer investigar.

A análise dos dados se dá pela interdisciplinaridade realizada sob a articulação dos relatos obtidos pelo questionário semi-aberto e pela Fenomenologia Existencial. Atentando para o fato de que:

¹⁹ Ronilk, 1999

²⁰ Peruzzo **Novos modos de subjetivação na infância: multiplicidades de percursos? de trajetos e devires?**

[...] A fenomenologia tem muito a ganhar num diálogo com a filosofia analítica, o estruturalismo, a dialética materialista, a psicanálise, etc. Mas há pontos a cujo respeito às posições são inconciliáveis, ao menos na medida em que se permanece aquém do vértice da ultrapassagem e da ruptura com as insuficiências anteriores. É indispensável que não haja confusão sobre esses pontos, para compreendermos onde estão as verdadeiras dificuldades e os possíveis progressos em todas as correntes.²¹

Se fazendo necessária a interlocução, pois:

[...] A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vistas à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético.²²

4. Considerações

Considera-se importante indicar que a produção científica envolvendo os novos modos de subjetivação, principalmente ao que concerne à psicanálise neopragmática, é escassa e necessita de um olhar para essa demanda.

Diante dos relatos dos jovens em relação a suas postagens em redes sociais perpassam por uma divulgação de si, ser “ouvido”, manifestando opiniões e gostos, com também por manter ou estabelecer novas amizades. Estes dados são apontados como aspectos positivos do uso redes sociais a formação e a identificação com grupos de interesses em comum. Em contrapartida, os aspectos percebidos como negativos são correlacionados a questões de degradação da imagem pessoal e, ainda, a invasão da privacidade e pornografias. Assim, considera-se que esse jovem ao utilizar desses recursos digitais tem a possibilidade de vivenciar uma aproximação com sua subjetividade através de publicações pessoais nessas redes digitais, mas que devido às experiências negativas que são mostradas nos meios de comunicação em massa, como jornais impressos e programas de televisão, fazem isso com cautela e receio uma vez que os dados e informações pessoais ficam disponíveis na rede.

²¹ (REZENDE, 1990, p 15).

²² (Santos, 1996:22).

5. Referências Bibliográficas

ROLNIK, S. **Toxicômanos de Identidade** - subjetividade em tempo de globalização, in LINS, D. (org.). *Cultura e Subjetividade - saberes nômades*. São Paulo: Papyrus, 1997.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo, Cultrix, 1972